

Com registros indeferidos, candidatos ganham, mas não levam

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

RIO — Quando a apuração terminou no domingo, dezenas de candidatos a prefeito Brasil afora descobriram que conquistaram votos suficientes para ser eleitos, mas, apesar disso, ainda não sabem se poderão assumir o cargo. Eles estão com os registros de candidatura indeferidos e aguardam julgamento de seus recursos nos Tribunais Regionais Eleitorais (TREs) e no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Há cidades em que não há definição se haverá segundo turno, como é o caso de Nova Iguaçu e Belford Roxo, na Baixada Fluminense, dois grandes colégios eleitorais do Rio. Em outras, eleitores ainda aguardam confirmação de quem são os postulantes que seguem na disputa. A votação dos candidatos indeferidos apareceu zerada no sistema de apuração do TSE. Eles só sabem o número de votos que receberam porque o dado é divulgado em paralelo. Somente no Estado do Rio, dez candidatos a prefeito teriam votos suficientes para ocupar as prefeituras em 1º de janeiro do ano que vem, no entanto, precisam aguardar julgamento. Se o registro for indeferido em definitivo, eles não poderão assumir. Em Arraial do Cabo, uma situação atípica: os dois primeiros colocados, Renatinho Vianna (PRB) e Walter Cardoso, o Tê (PMDB), estão com os registros indeferidos. Por isso, o sistema aponta a vitória do terceiro colocado, José Bonifácio (PDT), que obteve 2.170 votos — oito mil a menos que o candidato do PRB e quase seis mil a menos do que o peemedebista. Portanto, não se sabe qual dos três poder ser o próximo prefeito da cidade. Em Nova Iguaçu, o sistema do TSE aponta o atual prefeito Nelson Bornier (PMDB) como o vencedor, encerrando a disputa no primeiro turno. Com registro sub judice, Rogério Lisboa (PR) obteve, no entanto, quase 158 mil votos, enquanto o peemedebista recebeu 131,5 mil. Se a candidatura de Lisboa for validada, a cidade terá segundo turno. O mesmo problema acontece em Belford Roxo, onde Waguinho (PMDB) aparece como eleito, com 102,7 mil votos. Entretanto, se a candidatura de Dr. Deodalto (DEM) for liberada pela Justiça Eleitoral, o município terá segundo turno. Em ambos os casos, a indefinição reflete também na veiculação da propaganda eleitoral na TV, autorizada a recomeçar no próximo dia 15. Até a decisão, o eleitor fica sem saber se terá que voltar às urnas no último domingo deste mês. Em Teresópolis, Mário Tricano (PP) conquistou cerca de 15 mil votos a mais do que Dr. Luiz Ribeiro (PMDB), que aparece como vencedor na disputa. Tricano foi barrado pela Lei da Ficha Limpa, assim como já havia sido em 2012, ano em que o TSE negou seu registro. Ele recorreu ao Supremo Tribunal Federal e só assumiu o mandato em janeiro deste ano, apoiado numa liminar. A Corte, no entanto, tem que analisar o caso. Além de Tricano, dois prefeitos que tentaram a reeleição têm votos para continuar no cargo, mas não sabem de seu destino: Grasiella (PP), de Iguaba Grande; e Claudio Linhares (PMDB), de Conceição de Macabu. Também estão com os registros barrados pela Justiça Eleitoral, recorrendo da decisão, 20 candidatos a prefeituras de São Paulo. Eles obtiveram votos suficientes para se eleger, mas viram adversários saírem vitoriosos no resultado da apuração. Em Minas, esse número é de 21; na Bahia, 14. GILMAR VÊ INSEGURANÇA JURÍDICA O presidente do TSE, os Bolsonaro conseguiu se reeleger com quase 84 mil votos a mais do que em 2012. Ele reitera a opinião do irmão mais velho, de que a insatisfação com os governos de esquerda impulsionou um reforço da direita: — É um termômetro do que nós vemos nas ruas, do sentimento das pessoas com uma linha de governo que adota uma política de ideologia de gênero e acaba criando um sentimento de revolta nas pessoas. Para o vereador, a retórica da família Bolsonaro exerce um papel de representatividade para essa parcela do eleitorado, que se vê "punida por ter opinião contrária" ao que ele chama ideologia de gênero. A teoria do fim da direita tímida, em que acredita Flávio, também foi diagnosticada pela pesquisadora da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Natália Maciel. Segundo ela, o eleitorado que se define como de direita teria encontrado eco para suas insatisfações na polarização social, a partir das eleições de 2014: — Entramos em um ciclo de crise econômica, sob um governo de

esquerda, então a direita começou a questionar. O discurso se justificou, e já não temos mais uma direita envergonhada. Natália avalia que a família Bolsonaro, com um discurso incisivo, acabou se tornando um ícone para a direita. Para a pesquisadora, os jovens nascidos a partir do fim da década de 80 não têm receio em se identificar com uma direita de tradição militar. Eles conhecem o período da ditadura no Brasil apenas pelos livros e não associam diretamente o militarismo político ao período. Para o professor José Maurício Rodrigues, pesquisador em Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o conservadorismo não chega a ser uma tendência atual, mas um movimento que sempre existiu na sociedade carioca, e que tem conquistado espaço entre os eleitores jovens com uma retórica que "faz barulho" para conquistar. — O Jair Bolsonaro sabe usar a mídia para bater de frente. O discurso da força tem ganhado espaço, mas não acredito que esteja decolando — ressalta.